



ILGA

INTERVENÇÃO LÉSBICA, GAY,
BISSEXUAL, TRANS E INTERSEXO

**ESTUDO NACIONAL SOBRE
O AMBIENTE ESCOLAR**

**JOVENS
LGBTI+
2016/2017**

Uma parceria com:

TEACHERS COLLEGE
COLUMBIA UNIVERSITY
A Graduate School of Education, Health & Psychology

CIS|IUL
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
E INTERVENÇÃO SOCIAL
Instituto Universitário de Lisboa



**CENTRO
DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DO PORTO**

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, Portugal assistiu ao reconhecimento de direitos fundamentais das **pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo (LGBTI)**. Entre outras conquistas, destacam-se, por exemplo, a igualdade no acesso ao casamento e o reconhecimento de direitos para pessoas trans. Paralelamente, foram criadas políticas de combate à discriminação, aumentou a visibilidade do tema, e tornou-se clara a necessidade de intervenção em setores-chave como a saúde e a segurança, e em contextos específicos como a família ou o trabalho.

Pouco se sabe, contudo, sobre a realidade de jovens LGBTI no contexto educativo. De acordo com o INDEX da Educação Inclusiva LGBTQI da International Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer & Intersex Youth and Student Organisation (IGLYO, 2018), um mapeamento do panorama europeu sobre **políticas educativas inclusivas para jovens LGBTI**, Portugal (classificado com 54,5/100, no 15º lugar do ranking) dispõe, por um lado, de um enquadramento legal relativamente inclusivo, mas carece de medidas concretas de implementação que garantam que as escolas sejam espaços seguros e inclusivos.

O **Estudo Nacional sobre o Ambiente Escolar (ENAE)** partiu de uma proposta da GLSEN (Gay, Lesbian and Straight Education Network), a partir de uma ferramenta criada em 1999 e implementada desde então em várias regiões do globo. O seu objetivo consistiu em recolher testemunhos de jovens LGBTI, e a partir das suas experiências avaliar e fundamentar a pertinência de políticas inclusivas mais ativas. Trata-se de uma iniciativa da Associação ILGA Portugal - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo, em parceria com o Centro de Investigação e Intervenção Social do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa e o Centro de Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, com base na proposta original da GLSEN e com a assessoria de Teachers College, Columbia University.

Quisemos saber se os/as jovens LGBTI+ se sentem aceites na escola, se ouvem comentários negativos, se são vítimas de bullying ou assédio, que tipo de recursos e apoio encontram, quais as suas aspirações e o seu desempenho académico. Nesta brochura encontram-se alguns dos **principais resultados**. O relatório completo poderá ser consultado em enaie.ilga-portugal.pt

METODOLOGIA E AMOSTRA

Os questionários foram traduzidos e adaptados ao contexto nacional a partir da *National School Climate Survey* da GLSEN e estiveram disponíveis online entre **junho e agosto de 2017**, podendo ser respondidos em qualquer local, desde a própria casa, a escola ou através do telemóvel. Podia responder ao questionário qualquer jovem que se identifique como LGBTI+ (o '+' pretende abranger jovens em questionamento, mas também outras identidades não normativas, como 'pansexual' ou 'queer'); teria de ter **entre os 14 e os 20 anos de idade**, e ter frequentado uma escola de nível básico ou secundário em território português durante o **ano letivo de 2016-2017**. A divulgação ocorreu em vários eventos e através de publicidade paga em redes sociais como o Facebook e Instagram.

No total foram recolhidos **663 questionários**, dois terços (67,2%) de jovens residentes em zonas urbanas, e cinco em cada seis (84,4%) a frequentar o ensino público.

Idade	%
14	12.4
15	21.6
16	29.6
17	19.2
18	10.9
19	3.0
20	3.3

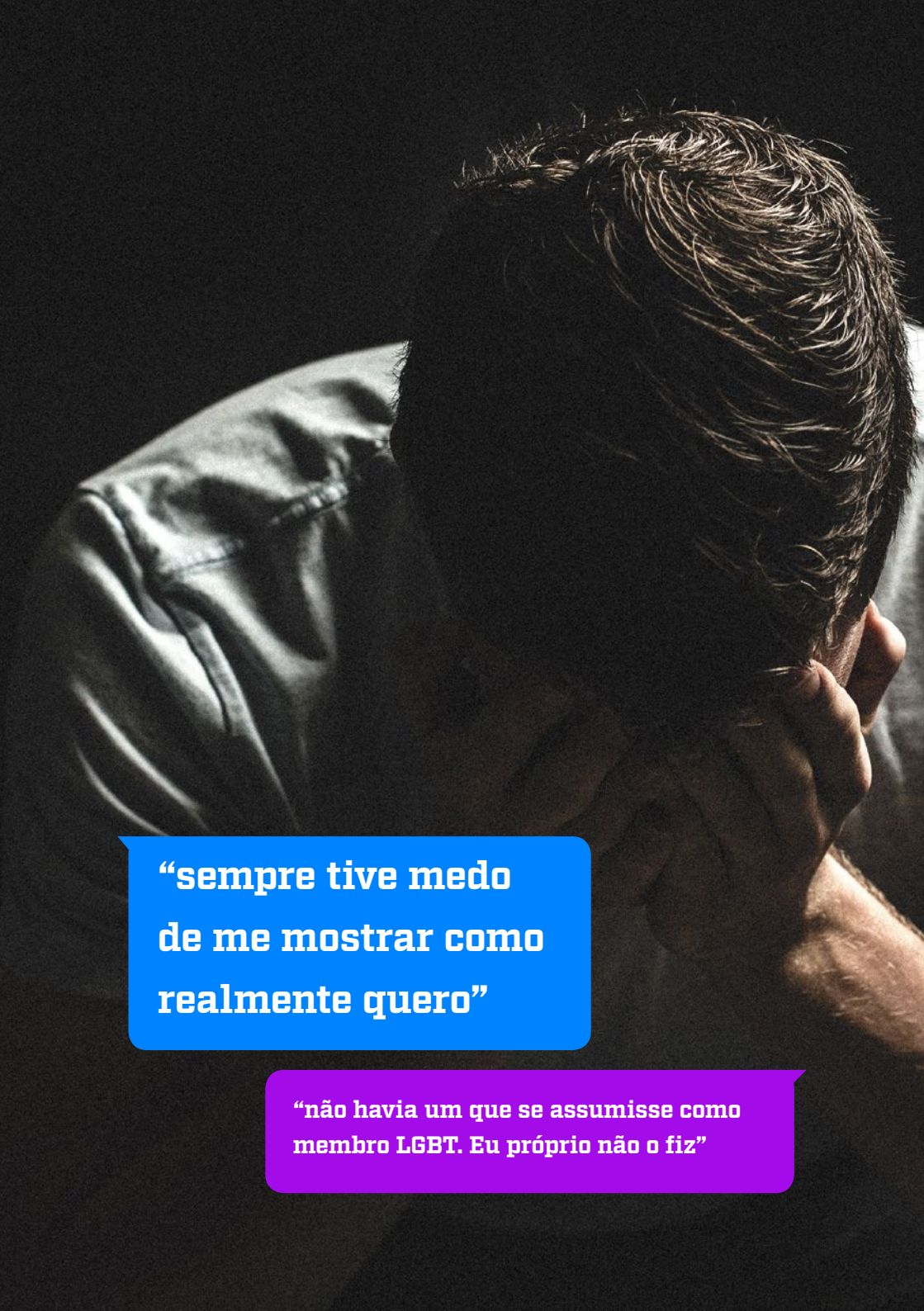
Idade média: 16,2

Orientação sexual

Gay	23.8
Lésbica	18.4
Heterossexual	1.5
Bissexual	34.7
Pansexual	13.1
Queer	3.6
Outra Orientação Sexual	4.8

Sexo/Gênero

Feminino	54.3
Masculino	33.8
Trans	2.6
Mulher trans	0.9
Homem trans	3.5
Queer	6.9
Outro	2.7



**“sempre tive medo
de me mostrar como
realmente quero”**

**“não havia um que se assumisse como
membro LGBT. Eu próprio não o fiz”**

AMBIENTE ESCOLAR E (IN)SEGURANÇA

As escolas são, para muitos/as jovens LGBTI+, um ambiente de **insegurança e desconforto**, onde o insulto e outras atitudes negativas são frequentes.

- » 36,8% sentem insegurança por causa da sua orientação sexual e 27,9% por causa da sua expressão de género
- » Cerca de um quarto evita frequentar espaços como os balneários, casas de banho ou aulas de educação física, por insegurança ou desconforto (33,6%, 25,5% e 22,2%, respetivamente). Áreas como recintos desportivos (14,2%) ou a cantina ou bar da escola (13,3%) são também evitadas.
- » Pelo menos um/a em cada seis (15,4%) faltou às aulas no último mês por sentir insegurança ou desconforto

COMENTÁRIOS NEGATIVOS

- » A maioria (61,1%) da amostra ouviu **comentários homofóbicos** na escola de forma regular ou frequente. Para três quartos (75,1%) da amostra, esses comentários são feitos por colegas, mas para três quintos (62,0%) provém também de pessoal docente ou não docente, o que acontece de forma ocasional ou frequente para um quarto (28,5%) das respostas.
- » Quase metade (45,9%) afirmou que esses comentários lhes causaram muito incômodo

“um rapaz disse que eu era “nojenta” por gostar de raparigas”

“Os meus professores são extremamente machistas, misóginos e fazem frequentemente comentários machistas e homofóbicos.”

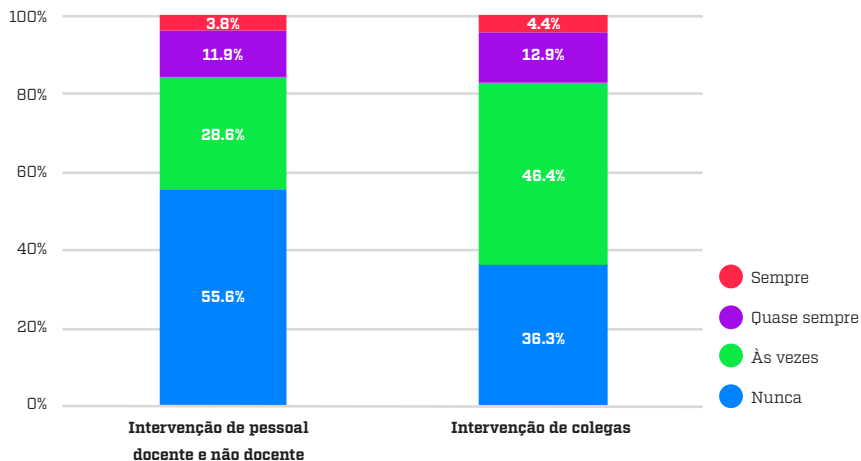
“Chamavam me nomes horríveis, fiquei traumatizado.”

“nesse mesmo ano obtive pensamentos suicidas”

“Já sofri de muito preconceito por [...] quer professores, funcionários ou alunos”

- » Mais de metade (55,6%) afirmou que, nas situações em que estavam presentes elementos do pessoal docente ou não docente, nenhum interveio. Quando se tratava de colegas, apenas em 17,3% dos casos intervieram, e mais de um terço (36,3%) nunca o fizeram **[gráfico 1]***

Gráfico 1. Frequência de intervenções em relação a comentários homofóbicos



- » Comentários negativos sobre a **expressão de gênero** são ouvidos regularmente (45,7%) ou frequentemente (35,2%)
- » Estes comentários são feitos, segundo dois terços da amostra (66,7%), pela maior parte ou pelo menos parte da população estudantil, mas também, para um/a em cada três (33,9%), por pessoal docente ou não docente

“Cheguei a sentir uma extrema vontade de abandonar a aula por algo que um professor disse”

“o meu professor de português era homofóbico e estava sempre a mandar piadas”

- » Um quinto (21,6%) afirmou ter ouvido **comentários negativos sobre pessoas trans** de forma regular ou frequente

“Os meus pais não me permitem contar que sou trans por vergonha do que as pessoas da escola irão pensar”

ASSÉDIO E VIOLÊNCIA

- » Dois terços (66,7%) afirmaram ter sido alvo de **agressões verbais** por causa de características pessoais, a maioria por causa da sua expressão de género (66,6%), da sua orientação sexual (55,0%) e um quarto (25,7%) por causa da sua identidade de género
- » cerca de um/a em cada seis (17,9%) estudantes LGBTI+ sofreu **assédio físico** (ex: abanões ou empurrões) por causa de alguma característica pessoal: em 17,9% por das situações por causa da sua expressão de género, em 13,5% por causa da sua orientação sexual e em 7% por causa da sua identidade de género

“Os meus colegas apertavam-me o pescoço por eu ser gay”

- » 7,7% da amostra foi vítima de **agressões físicas** (murros, pontapés ou agressão com objetos ou armas) por causa de características pessoais: 7,7% das situações por causa da sua expressão de género, 7,4% por causa da sua orientação sexual e 4,4% por causa da sua identidade de género

“fui espancada por estar na Marcha LGBTI”

“Fui repetidamente agredida”

OUTRAS EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS

- » a grande maioria (73,6%) sofreu alguma forma de **exclusão deliberada** por parte de colegas, num quarto das situações (28,5%) de forma regular ou frequente
- » três quartos da amostra (64,2%) **ouviu rumores ou mentiras sobre si** na escola, um quinto (20%) de forma repetida
- » uma parte substancial (45,4%) refere ter sofrido **assédio sexual** (tais como toques não consentidos ou comentários de teor sexual), um/a em cada vinte (7,7%) de forma regular ou frequente

“ficou parado a um metro de nós com a mão dentro das calças, como se se estivesse a tocar. Depois reparámos que os amigos estavam a gravar e que aquilo era uma espécie de “partida” para nós”

“os meus colegas assediavam me verbalmente ‘vamos fazer a três’”

- » quase um quarto (23,6%) foi vítima de **cyberbullying** e 4,1% de forma regular ou frequente

“Um rapaz gay foi extremamente gozado por espalharem nudes e vídeos íntimos dele”

- » um/a em cada cinco (21,9%) sofreu **dano ou furto de bens pessoais**

DENÚNCIAS

- » apenas um/a em cada três estudantes (31,9%) denunciou pelo menos uma vez estas situações **ao pessoal docente e não docente** da escola, e apenas um/a em cada dez (11,3%) o faz regularmente
- » apenas um terço (30,4%) de quem já denunciou considera que o pessoal docente e não docente da escola respondeu de forma eficaz às situações
- » apenas um terço (36,3%) afirmou alguma vez ter denunciado a situação **à família**, e em dois quintos (40,6%) destes casos a família nunca abordou o assunto com a escola

“é uma escola em que maior parte dos pais dos seus alunos são homofóbicos”

“Não me assumi a nenhuma pessoa da mesma família por serem homofóbicos.”

“Uma funcionária contou à família da minha namorada”

“Dentro da escola (...) sinto-me segura. O meu problema é em casa.”

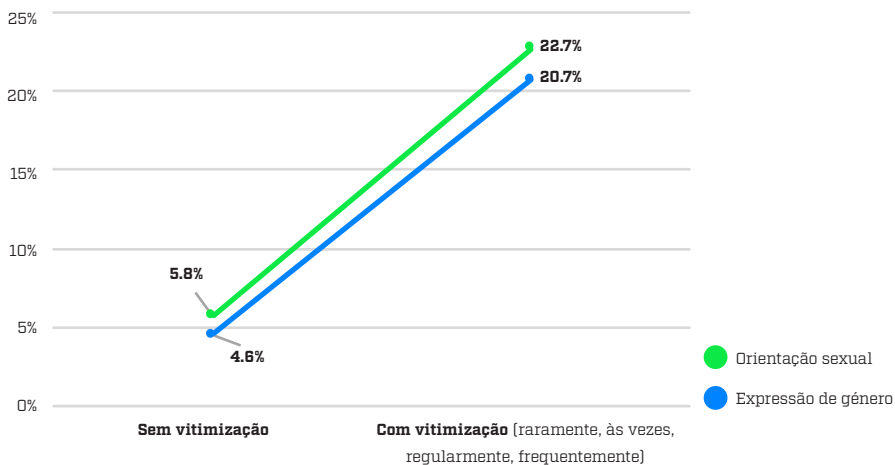
ASPIRAÇÕES ACADÉMICAS

- » apenas 4,5% afirmou não pretender continuar os estudos depois da escolaridade obrigatória (nível secundário), enquanto a vasta maioria (83,9%) pretende obter um grau universitário, e cerca de metade (53,3%) algum tipo de grau pós-secundário

ABSENTISMO E SENTIMENTO DE PERTENÇA

- » há uma probabilidade **quatro vezes superior** de ter faltado à escola no último mês no caso de estudantes vítimas de discriminação em função da sua orientação sexual (22,7% versus 5,8%) ou da sua expressão de género (20,7% versus 4,6%) **[gráfico 2]**
- » quase dois terços (64,1%) de estudantes que não sofreram vitimização por causa da sua orientação sexual revelaram **um sentimento positivo** de pertença à escola, comparado com os dois quintos (43,2%) que sofreram essa vitimização

Gráfico 2. Absentismo e experiências de vitimização e discriminação



“Sinto-me profundamente triste, pois pensava que a escola seria diferente”

“pensei que iria ser “aceite” e não fui, não tinha amigos e sentia-me sempre, sempre sozinha”

APOIO NA ESCOLA

- » mais de metade (57,4%) considera que a população estudantil da sua escola aceita as pessoas LGBTI, ao passo que um/a em cada seis (18,1%) considera que aceitam pouco ou nada

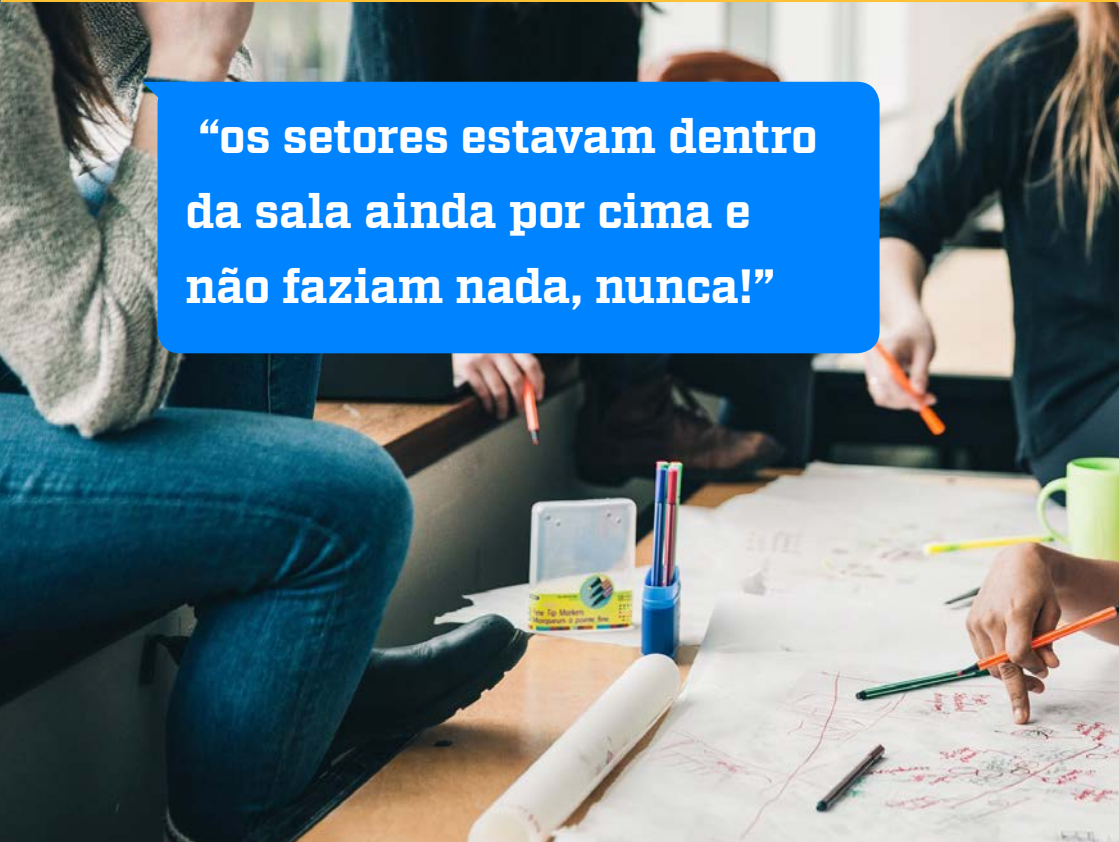
“Fiquei sem todos os meus amigos, a minha turma punha-me completamente de parte”

- » um/a em cada três (39,9%) nunca teve acesso a **grupos ou atividades de temática LGBTI** fora da escola
- » contudo, quase três quartos (72,5%) considera que existe um número considerável de estudantes LGBTI na sua escola

“Não há nenhum programa voltado para jovens LGBTI, e parece não haver interesse da parte da escola em abordar assuntos com temática LGBTI”

APOIO DE PESSOAL DOCENTE E NÃO DOCENTE DA ESCOLA

- » a esmagadora maioria (93,3%) é capaz de identificar pelo menos um elemento do pessoal docente ou não docente da escola que apoia estudantes LGBTI, e metade (50%) consegue mesmo identificar seis ou mais pessoas apoiantes
- » cerca de metade (51,4%) sente-se confortável para falar sobre questões LGBTI com um/a psicólogo/a ou assistente social da escola, ou então com algum/a docente (50,2%), mas apenas um/a em cada quatro se sente confortável para falar com o/a professor/a de educação física (24,4%). A percentagem diminui no caso da administração escolar ou agentes de segurança.



“os setores estavam dentro da sala ainda por cima e não faziam nada, nunca!”

RECURSOS LGBTI E PREVENÇÃO DO BULLYING

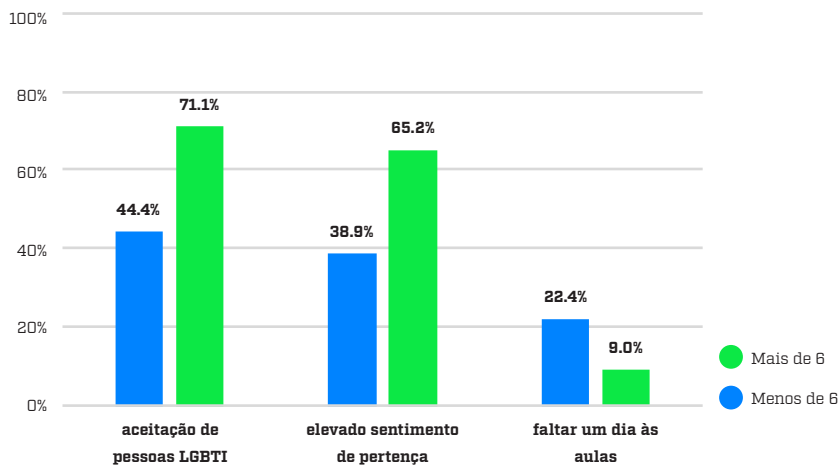
- » três quartos (74,9%) afirmou que nunca assistiu a uma abordagem positiva sobre questões LGBTI nas aulas
- » apesar da maioria referir ter sido abordado o tema do bullying e da violência na escola, apenas um/a em cada quatro (26,4%) afirma que foi incluída informação específica sobre orientação sexual ou identidade e expressão de género
- » apenas um quarto afirmou conseguir ter acesso a recursos sobre questões LGBTI na escola
- » apenas um quinto (19,5%) das situações em que existem políticas ativas de prevenção do bullying abrangem a orientação sexual ou identidade e expressão de género

“nunca tive uma palestra, ou uma aula dedicada a este tema”

AMBIENTE SEGURO E ABSENTISMO

- » quando o número de pessoal docente e não docente que apoia estudantes LGBTI é maior, aumenta também a percepção de aceitação por parte da população estudantil (71,2% versus 44,4%), assim como o sentimento de pertença (65,2% versus 38,9%) e diminui a probabilidade de faltar às aulas devido à insegurança (9,0% versus 22,4%) **[gráfico 3]**
- » da mesma forma, quanto maior a intervenção de pessoal docente e não docente da escola perante comentários de teor homofóbico, maior a percepção de apoio da população estudantil (60,9% versus 49,0%), o sentimento de pertença (50,5% versus 39,8%), e menor a probabilidade de absentismo devido à insegurança sentida (17,3% versus 19,4%)

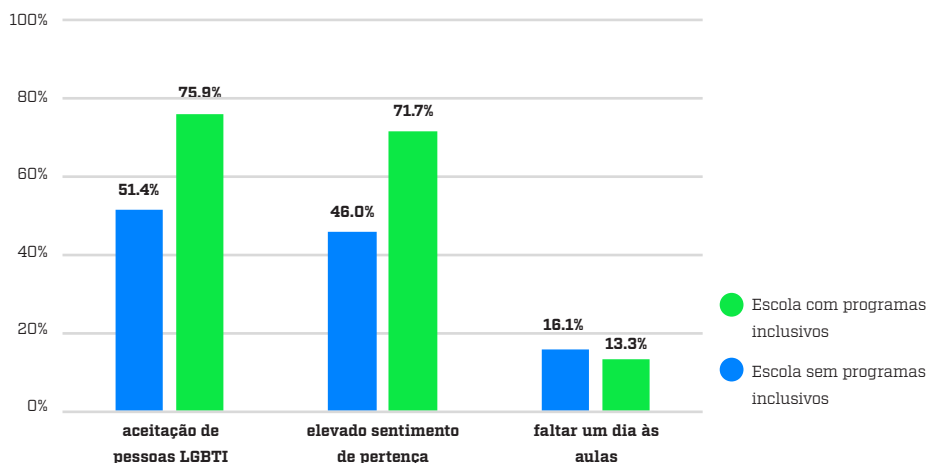
Gráfico 3. Número de apoiantes do corpo docente e não docente e experiências de estudantes LGBTI



PROGRAMAS INCLUSIVOS

- » quando foram abordados temas LGBTI de forma positiva na escola, é maior a percepção de apoio da população estudantil (75.9% vs. 51.4%), o sentimento de pertença aumenta (71.7% vs. 46.0%) e diminui a ocorrência de absentismo (16.1% vs. 13.3%) **[gráfico 4]**

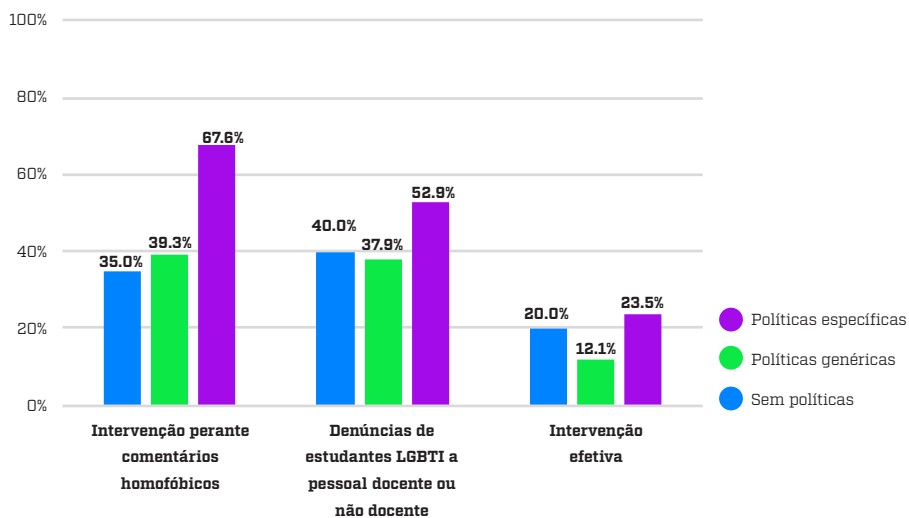
Gráfico 4. Programas inclusivos e vivências de estudantes LGBTI+



POLÍTICAS ATIVAS ANTI BULLYING

- » quando não existem políticas ativas anti bullying na escola, diminui também a probabilidade de pessoal docente ou não docente intervirem perante comentários discriminatórios, e de as situações serem denunciadas **(gráfico 5)**

Gráfico 5. Políticas de combate ao bullying e vivências de jovens LGBTI+



CONCLUSÕES

Este estudo pretendia demonstrar que em muitas situações, os/as jovens LGBTI+ não se sentem em segurança na sua escola, por serem alvo de insultos, assédio e outras atitudes discriminatórias motivadas pelo preconceito em função da orientação sexual, identidade ou expressão de género e características sexuais. As experiências partilhadas parecem apontar nesse sentido. Por outro lado, a perceção do apoio recebido por parte do pessoal docente e não docente em relação a estas questões, assim como a escassez de recursos e políticas anti-bullying parece também influenciar o distanciamento sentido em relação à própria escola, traduzido em baixos níveis de sentimento de pertença e no absentismo. Em muitas situações a escola parece assistir de forma passiva aos incidentes de bullying e discriminação, não intervindo por exemplo quando ocorre linguagem discriminatória ou insultos.

Paralelamente, os resultados parecem também apontar no sentido de que nas escolas onde efetivamente existem ações de visibilidade positiva das temáticas LGBTI, através de palestras ou outras iniciativas, e onde vários elementos da comunidade escolar (como colegas ou pessoal docente e não docente) apoiam abertamente os/as estudantes LGBTI, parece existir um maior sentimento de segurança e pertença à comunidade escolar, um aumento das denúncias, e uma menor probabilidade de absentismo.

Nesse sentido, parecem existir evidências da necessidade de uma estratégia mais ativa de intervenção no combate à homofobia e transfobia em contexto escolar, que abranja vários/as agentes das comunidades escolares: estudantes, pessoal docente e não docente (psicólogos/as, educadores/as sociais, bibliotecários/as, pessoal auxiliar), encarregados/as da educação.

RECOMENDAÇÕES

Um ambiente escolar mais inclusivo e atento às especificidades de jovens LGBTI+ pode contribuir para aumentar o seu bem-estar, reduzir o absentismo e potenciar o seu desempenho académico. O trabalho desenvolvido pela Associação ILGA Portugal há mais de duas décadas tem permitido conhecer esta realidade por dentro, e assinalar algumas recomendações:

- » operacionalizar os princípios delineados em referenciais para a cidadania e estratégias públicas de promoção da igualdade e combate à discriminação
- » aumentar a visibilidade de temáticas LGBTI nas atividades escolares, através de eventos (como palestras ou outras ações de sensibilização), imagens, livros e outros recursos
- » respeitar a identidade de jovens trans, reconhecendo logo que possível o seu nome social e o direito à utilização adequada de espaços comuns (por exemplo, balneários e casas de banho)
- » incluir temáticas LGBTI na formação de futuro pessoal docente e não docente da escola, e promover a formação de profissionais no ativo sobre orientação sexual, identidade ou expressão de género e características sexuais
- » condenar de forma visível o bullying homofóbico e transfóbico (ex: celebração do Dia Internacional Contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia - IDAHOT, a 17 de maio)
- » promover a ligação a associações LGBTI+ para informação, sensibilização e encaminhamento
- » apoiar a criação de grupos de temática LGBTI+ nas escolas que permitam quebrar o isolamento e partilhar experiências positivas (ex: Alianças Da Diversidade)

RECURSOS

Alianças Da Diversidade

Projeto que pretende promover a formação de alianças de jovens e pessoas do corpo docente e não docente nas escolas, com o objetivo de promover iniciativas de visibilidade positiva e apoio a estudantes LGBTI. Para mais informações consultar add.ilga-portugal.pt ou enviar um email para add@ilga-portugal.pt

OUTROS CONTACTOS ÚTEIS:

“Tod@s Somos Precisos”

Recursos para pessoal docente e não docente:
educacao.ilga-portugal.pt | educacao@ilga-portugal.pt

Projeto Educação LGBTI da rede ex aequo

(associação de jovens LGBTI e simpatizantes):
www.rea.pt/projecto-educacao | educacao@rea.pt

ENAE

Estudo Nacional sobre o Ambiente Escolar (dados completos):
ena.e.ilga-portugal.pt

“na escola deviam haver grupos de apoio à comunidade lgbt que ajudassem as pessoas a integrarem-se ou apenas falarem sobre isso.”

“uma palestra sobre transsexualidade [...] onde me assumi como transsexual. No fim da palestra todos estavam em lágrimas, a fazer fila para me abraçar e me dar força, foi fantástico!”

“tivemos exemplos positivos, como uma professora que defendia ativamente as pessoas lgbt”

“acabei por descobrir que algumas amigas minhas eram lgbt e juntas acabamos por conhecer outras pessoas, todos lá da escola, assim já não me senti sozinha e nunca mais tive medo”

Ficha técnica:

Oren Fizmony-Levy, PhD

Assistant Professor of International and
Comparative Education
Department of International and Transcultural
Studies
Teachers College, Columbia University
USA

Cody Freeman, MA

Research Assistant
Department of International and Transcultural
Studies
Teachers College, Columbia University
USA

Carla Moleiro, PhD

Departamento de Psicologia Social e das
Organizações
Centro de Investigação e Intervenção Social do
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Diogo Nunes, Assistente de investigação

Departamento de Psicologia Social e das
Organizações. Centro de Investigação e Intervenção
Social do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Jorge Gato, PhD

Centro de Psicologia da Faculdade de Psicologia e
Ciências da Educação da Universidade do Porto

Daniela Leal, Assistente de investigação

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da
Universidade do Porto

Relatório completo em

ena.eilga-portugal.pt